

**AS RELAÇÕES AFETIVAS
MEDIADAS PELO MONSTRO DO CIÚME
NO UNIVERSO FICCIONAL
DE *DOM CASMURRO* E *SÃO BERNARDO***

Patrícia Peres Ferreira Nicolini (UENF)
patricianicolini@saocamilo-es.br
Analice de Oliveira Martins (IFF/UENF)
analice.martins@terra.com.br

RESUMO

O ciúme é um sentimento comum em todos os tipos de relacionamentos humanos. No entanto, quando ultrapassa os parâmetros do bom senso, essa emoção tão comum pode se tornar nociva e até considerada uma patologia. Diante disso, este artigo tem por objetivo analisar e comparar as obras *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, discutindo como essas relações afetivas mediadas pelo monstro do ciúme são recriadas pela literatura. Nesse universo ficcional, o tema é explorado em sondagens psicológicas das personagens que remetem a uma reflexão da condição humana. *São Bernardo*, um memorial de autoacusação. *Dom Casmurro*, um memorial de acusação à esposa. Ambas as obras representam os atos, pensamentos e sentimentos humanos, quando transtornados pelas dores da alma e devorados pelo monstro do ciúme. A análise fundamenta-se teoricamente em Antônio Mourão Cavalcante, Antonio Candido, Beatriz Jaguaribe e Karl Erik Schøllhammer, entre outros.

Palavras-chaves: Universo ficcional. Literatura. Ciúme patológico.

1. Introdução

Conforme o senso comum, o ciúme é um sentimento humano que está relacionado a quem ama e cuida, logo, é considerado em nossa sociedade um sentimento natural, uma vez que a maioria das pessoas, em algum momento da vida, já sentiu ciúmes. Geralmente, esse sentimento envolve três pessoas: o ciumento, o objeto do ciúme e o agente que o provoca. Com essa configuração, o ciúme é desencadeado pelas sensações de perda e de ameaça que atormentam o ciumento, fazendo-o não controlar muito bem os seus impulsos, abalando a confiança no ser amado e a segurança da relação.

Quando o ciúme é em excesso e começa a interferir na dinâmica do relacionamento amoroso causando no casal angústia, raiva, desconfiança, baixa autoestima, insegurança, mal-estar no relacionamento e chegando ao extremo de agressões verbais e físicas, pode se estar diante de uma patologia. Esse tipo de relacionamento doentio, já foi recriado mui-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

tas vezes pela literatura, muitos protagonistas de obras literárias apresentam um sentimento de pose da pessoa amada, isto é, procuram controlar e restringir todos os atos, vontades e até pensamentos do ser amado. “O indivíduo ciumento vive as exigências de um amor possessivo, por medo ou risco de perda do objeto amado”. (CAVALCANTE, 1997)

Um tipo de relacionamento nocivo recriado nas obras *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, nas quais a construção do universo ficcional remete à sondagem e à discussão da condição humana quando o psíquico é atormentado pelo fantasma da perda e pelo medo de ser excluído da vida da pessoa amada. Em sua pesquisa, Beatriz Jaguaribe disserta sobre a construção “do efeito do real” na ficção e postulando que:

No seu sentido mais primário, o realismo estaria conectado com a utilização da *mimese*, ativando a noção da arte como cópia de uma realidade e mundo material. A *mimese* é aqui entendida como um ilusionismo espelhado, uma representação que parece copiar aquilo que existe no mundo. (JAGUARIBE, 2007, p.26)

A proposta desse artigo é interdisciplinar, isto é, tem por objetivo analisar e comparar as obras *Dom Casmurro* e *São Bernardo* discutindo como essas relações afetivas mediadas pelo monstro do ciúme são recriadas pela literatura aliando a essa discussão uma sondagem psicológica dos protagonistas de ambas as obras tendo por objetivo a construção literária sobre o tema.

2. *O monstro dos olhos verdes: o ciúme patológico*

O ciúme patológico é um ciúme doentio, por muitas vezes pode ser tão devastador tornando-se a motivação de crimes passionais. William Shakespeare o chamou de “monstro dos olhos verdes” em sua obra *Otelo*, século XVII. Nela, o protagonista Otelo motivado por um ciúme doentio de um amigo com sua esposa acaba assassinando a honesta e fiel Desdêmona. Nem o onipotente mouro de Veneza escapou das garras do ciúme, deixando a racionalidade e o bom senso para trás.

A palavra “ciúme” é oriunda do latim *zelumen* que é composta pelo radical grego, *zelos*, que significa fervor, calor, ardor ou intenso desejo. Segundo o verbete do *Novo Dicionário Aurélio*, ciúme é:

Sentimento doloroso que as exigências de um amor inquieto, o desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade, fazem nascer em alguém; zelos. Emulação, competição, rivalidade. Despeito invejoso;

inveja. Receio de perder alguma coisa; cuidado, zelo. (FERREIRA, 1998, p. 333)

A psicologia postula sobre o assunto a existência de dois tipos de ciúme: o normal e o patológico. Para Antônio Mourão Cavalcante, ciúme patológico consiste em:

[...] uma perturbação total, um transtorno afetivo grave. O ciumento sofre em seu amor: em sua confiança, em sua tranquilidade, em seu amor próprio, em seu espírito de dominação e em seu espírito de posse. O ciúme corrói-lhe o sentimento em sua base e destrói, com uma raiva furiosa, suas próprias raízes. Propicia a invasão da dúvida que perturba a alma, fazendo com que ame e odeie ao mesmo tempo, a pessoa objeto de sua afeição. O maior sofrimento do ciumento é a incerteza em que vive, pela impossibilidade de saber, com segurança, se o(a) parceiro(a) o engana ou não. (CAVALCANTE, 1997, p. 24)

Sendo assim, o ciúme patológico é um transtorno grave, ele mina e desgasta o relacionamento amoroso. O ciumento sente-se constantemente ameaçado, a relação é baseada no sentimento de posse da pessoa amada, fato que faz com que o amor do parceiro não resista, visto que o relacionamento se torna muito angustiante, tenso, carregado de uma intensa carga emocional negativa.

O ciumento patológico passa por um turbilhão de emoções, o pensamento perturbado pelo ciúme gera dúvidas, obsessões e delírios sobre a infidelidade da pessoa amada. O ciumento patológico busca excessivamente indícios que comprovem ou afastem a suspeita de traição, um emaranhado de sentimentos que perpassam pela culpa, raiva, angústia, depressão, insegurança, desejo de vingança, baixa autoestima, possessividade e desconfianças infundadas. Sentimentos e pensamentos que prejudicam a vida de quem sofre de ciúme patológico e de quem é vítima do ciumento. “O ciumento não perdoa e não confia. Se lhe faltam motivos no presente, busca-os no passado e até no imprevisível futuro, ainda que ilusórios e frutos de sua imaginação atormentada”. (ROSA, 2005, p. 19)

3. O ciúme na literatura: *Dom Casmurro* e *São Bernardo*

Produções literárias de uma época são recortes históricos em que costumes e pensamentos de uma sociedade são (re)criados ficcionalmente. Na literatura, o cotidiano, o desejo, o pensamento e o comportamento humano são recriados em um universo ficcional que utiliza estratégias narrativas para tornar a ficção crível. Nesse contexto, a literatura fornece material pertinente para investigação da psique humana. Sendo assim, nesse trabalho, recorreu-se a duas obras clássicas sobre o ciúme reconhe-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

cidas nacionalmente – *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e *Dom Casmurro*, de Joaquim Maria Machado de Assis. Conforme Karl Erik Schøllhammer, a ficção afeta o leitor quando o faz perceber a realidade sinestesticamente:

Ou seja, a obra se torna referencial ou “real” na medida em que consegue provocar efeitos sensuais e afetivos parecidos ou idênticos aos encontros extremos e chocantes com a realidade em que o próprio sujeito é colocado em questão. (SCHØLLHAMMER, 2002, p. 82)

Em *São Bernardo*, o protagonista Paulo Honório representa o fazendeiro capitalista que conquista tudo que quer, mesmo que tenha que passar por cima de convenções morais e legais. Autossuficiente, quando decide se casar, o seu comportamento não é diferente, a jovem Madalena é o seu novo objeto de desejo de sua insaciável cobiça. O experiente predador capitalista articula várias estratégias para se casar com a professorinha. Logo, impõe a sua vontade e parece apossar-se de Madalena como se ela fosse uma propriedade. O sentimento de posse exacerbado é uma característica do ciúme patológico.

Por conseguinte, o ciúme é um tema que sempre fascinou Machado de Assis. Segundo Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, o ciúme é um tema abordado em sete dos nove romances machadianos. *Otelo*, de William Shakespeare, é citado como argumento de 28 narrativas, peças e artigos. *Dom Casmurro*, de Joaquim Maria Machado de Assis, é um exemplo dessa temática, o livro é um dos romances mais conhecidos do autor. O foco narrativo em primeira pessoa é a voz do protagonista masculino Bento Santiago, uma visão subjetiva e imparcial da sua história de vida e principalmente de seu relacionamento com a mulher amada. Sendo assim, o relato do narrador personagem é duvidoso, de pouca credibilidade, visto que o discurso do protagonista é um memorial de acusação à esposa, relatos de um velho solitário e amargurado apelidado de Dom Casmurro, são lembranças de um passado que emergem na memória à medida que o protagonista busca reviver seu relacionamento amoroso e procura comprovações da infidelidade de sua amada. Luiz Alberto Pinheiro de Freitas afirma que Joaquim Maria Machado de Assis:

Não se contentando com o simples dado fenomenológico, ele vai em busca das motivações inconscientes, quer sempre inferir o oculto, o por detrás, é um psicanalista – é o pensamento psicanalítico existindo porque a dúvida existe. Machado tinha o pensamento psicanalítico, anterior à própria psicanálise. (FREITAS, 2001, p. 70)

Em *Dom Casmurro*, o protagonista Bentinho é filho único, seu pai faleceu muito cedo, no entanto deixou a família em boas condições fi-

nanceiras. Nunca teve que se preocupar com a própria sobrevivência. Muito mimado, sempre foi o centro das atenções da casa, foi acostumado a ser sempre gerenciado por outras pessoas – a mãe, Capitu, Escobar – sempre deslocou sua responsabilidade existencial para o outro. A mãe de Bentinho havia feito uma promessa que seu filho seria padre, no entanto o jovem só queria conquistar o amor de Capitu e casar-se com ela.

Para Bentinho, Capitu era responsável por todas as alegrias e tristezas que ocorressem em sua vida, o herdeiro considerava insuportável a ideia de traição, uma vez que havia depositado toda sua existência nas mãos de sua amada. Dar ao outro a responsabilidade da própria felicidade é algo preocupante, porque o sujeito sempre estará preso à vontade do outro, conseqüentemente, o controle sobre a vida da mulher amada visa evitar a dor e o sofrimento.

Nessa perspectiva, Bentinho tentava controlar a vida de Capitu, incomodava-o não conhecer seus pensamentos. “Não, meu amigo. Venho explicar-te que tive tais ciúmes pelo que podia estar na cabeça de minha mulher, não fora ou acima dela”. (ASSIS, capítulo 107, p. 219)

Nesses relacionamentos amorosos conturbados como os de Paulo Honório e Madalena e de Bentinho e Capitu, revela-se mais uma característica do ciúme patológico: os pensamentos fantasiosos e delirantes sobre a infidelidade do parceiro. O ciumento mistura fatos reais e suposições sem fundamentos produzidas por uma mente perturbada e obcecada. Paulo Honório sufocava Madalena com acusações sem nenhum fundamento, ele pressupunha situações nas quais Madalena o estivesse traindo e alimentava essas suposições ao ponto de se tornarem verdades absolutas.

No trecho transcrito abaixo, Paulo Honório, alucinado pelo ciúme, acusa Madalena de ter marcado um encontro com um suposto amante. O absurdo da situação é que o protagonista diz ouvir um assvio e acredita ser um sinal de um suposto amante de Madalena, acredita que o encontro entre os amantes acontecerá no quarto que divide com a esposa.

– São os seus parceiros que andam rondando a casa. Mas não tem dúvida: qualquer dia fica um diabo af estirado.

Madalena abraçava-se aos travesseiros, soluçando.

– É assobio ou não é? Marcou entrevista aqui no quarto, em cima de mim? É só o que falta. Quer que eu saia? Se quer que eu saia, é dizer. Não se acanhe.

– Madalena chorava como uma fonte. (RAMOS, capítulo 30, p.152)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Bento Santiago apresenta o mesmo tipo de comportamento de Paulo Honório. Ele fantasia situações em que Capitu demonstra indícios de sua traição. O sobrenome do protagonista “Santiago” remete à personagem “Iago” da peça *Otelo*, de William Shakespeare. Nela, são abordadas questões polêmicas: ciúme, racismo, poder, luxúria, crime passional e a luta entre o bem e o mal.

A obra é conhecida como um clássico sobre ciúme, Otelo é um general negro que desconsidera o preconceito racista vigente na época e comanda homens brancos. Reconhecido por sua segurança e bom senso nas batalhas, Otelo perde o controle de seus atos quando se deixa induzir pelas ideias nocivas de seu “bom amigo” Iago. O falso amigo envenena Otelo com histórias caluniosas sobre a suposta traição de sua esposa Desdêmona com um amigo e tenente do general: Cássio.

Cego de ciúme pelas mentiras de Iago, Otelo fantasia significado para todos os gestos e atos que observa entre sua esposa e Cássio, até o momento em que sua mente perturbada fabrica provas que confirmam a traição. Otelo ordena a morte de Cássio e começa a maltratar Desdêmona até o momento em que julga necessário matar a esposa, descartá-la como se fosse um objeto e ainda justifica o seu ato:

Ela deve morrer, para que não venha a trair ainda mais homens. (Beija-a)
Sê assim quando estiveres morta, e quero matar-te para depois te amar [...] Minha necessidade é chorar, mas as minhas são lágrimas cruéis; e celestial é o meu pesar, pois ele dói na fonte do amor. (SHAKESPEARE, 2001, p. 168-169)

Apesar de Desdêmona jurar inocência, Otelo só dava ouvidos às mentiras de Iago. Bentinho cultivava um toque de Iago dentro de si, daí o sobrenome Santiago. Ele mesmo envenena suas entranhas com fantasias e devaneios de que sua esposa o esteja traindo com seu amigo Escobar. O ciúme é para Otelo, Paulo Honório e Bentinho uma inquietação da alma, independentemente da realidade externa. Para as personagens, a mulher amada é vista como um objeto, uma história ficcional que recria uma sociedade conservadora e patriarcal em que presença do ciúme revela o recorte histórico de uma época marcada por muitos preconceitos impostos à mulher, que ocupava no casamento uma posição subalterna. Conforme fragmento de *Dom Casmurro*:

[...] Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela. Capitu enxugou-as depressa, (...) Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem pranto nem palavras esta [...] (ASSIS, capítulo 123, p. 246)

Nesse fragmento, Bentinho esquece completamente a dor pela morte de Escobar e começa a pressupor que todas as ações de Capitu no velório de Escobar confirmam sua teoria de que sua esposa era realmente amante de seu melhor amigo. O ciúme o torna tão egoísta e tão preso ao próprio sofrimento que ele se torna indiferente à dor da viúva e de todos os presentes no velório.

Tanto Bentinho como Paulo Honório imaginavam que algo errado estava acontecendo, a fantasia da traição foi crescendo de tal maneira que se tornou um monstro horrível que passou a assombrá-los. Sentiam tanto medo dessa assombração que esqueceram que foram eles mesmos que a criaram e a alimentaram. Passaram a acreditar que o que era imaginação, fosse real.

A baixa autoestima também é sintoma do ciúme patológico. Em *São Bernardo*, Paulo Honório acreditava que ninguém poderia amá-lo, visto que até ele mesmo não se tinha a menor estima. No capítulo 26, enquanto observava Madalena dormindo, Paulo Honório comparava-se com Dr. Magalhães, amigo do casal de quem desconfiava ser um dos amantes de Madalena. Nessa comparação, Paulo Honório dizia ter mãos tão brutas que pareciam casco de cavalo, enquanto Dr. Magalhães possuía mãos macias, sempre se diminuindo.

A baixa autoestima da personagem é simbolizada em seu nome: Paulo. O nome tem origem do latim e significa pouco, pequeno. Logo, sentindo-se pouco acreditava que Madalena sendo instruída e bonita iria se interessar por alguém com mais qualidades. Perdido em seus devaneios de infidelidade, nem percebia que a esposa estava cada vez mais magra, franzina e infeliz.

Em *Dom Casmurro*, Bentinho tinha consciência de sua omissão diante das decisões que a vida lhe impunha, considerava-se um fraco. Considerava-se menor, dizia que Capitu “era mais mulher do que ele era homem”. Via no amigo Escobar qualidades fantásticas as quais nunca iria possuir. O próprio Bentinho já havia dito ao amigo que o admirava por seus conhecimentos e por sua atitude perante as decisões da vida. Em verdade, em seu íntimo, considerava impossível competir com Escobar. Em sua mente perturbada pelo ciúme, perder Capitu para Escobar era um

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

fato dado como certo, quando ele inconscientemente se comparava ao amigo.

Paulo Honório e Bentinho não possuem autoestima suficiente, logo, sentem-se inferiores e conseqüentemente inseguros. O ato de inconscientemente se compararem a outras pessoas tem como resultado um sentimento de derrota. Há uma competição engendrada pelo ciumento, fruto do medo de perder a pessoa amada, uma obsessão de sempre estar alerta para possíveis rivais.

Outro sintoma do ciúme patológico recriado pela literatura é o que a psicologia chama de ‘projeção’, o ciumento cria dúvidas a respeito da fidelidade do parceiro por sentir atração por outra pessoa. Paulo Honório manteve relações sexuais com a esposa de seu empregado enquanto estava casado com Madalena e Bentinho sentia desejo por Sancha, esposa de seu melhor amigo e amiga íntima de Capitu. Ao acreditar que é o outro que quer o trair, acaba amenizando a dor e a culpa do ciumento ao perceber que é ele mesmo quem não é confiável.

Portanto, tanto Paulo Honório quanto Bentinho tinha tudo nas mãos para serem felizes, mas desgastaram suas relações amorosas com o ciúme doentio, afastando cada vez mais a pessoa amada. Com a morte de Madalena, chega a Paulo Honório um arrependimento tardio. O pio da coruja é o mecanismo que remete ao passado e as lembranças da esposa e da vida que ele poderia ter dito junto à mulher amada. Assim como a figura do corvo da obra de Edgar Allan Poe, a coruja representa a certeza da solidão, da felicidade que poderia ser vivida e não foi e que não poderá ser vivida nunca mais. Conforme Antonio Candido:

[...] devemos lembrar que além do conhecimento por assim dizer latente, que provém da organização das emoções e da visão de mundo, há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejado pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor. (CANDIDO, 1995, p.249)

Assim, Paulo Honório em seu memorial de autoacusação tomou consciência de seus erros e arcou com as conseqüências: a solidão. “Estraguei a minha vida estupidamente. Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me?” (RAMOS, capítulo 36, p. 184)

Em contrapartida, Bentinho confirma sua omissão existencial ao transferir toda responsabilidade pelo fracasso do casamento a Capitu, preferindo fingir que a solidão que lhe consome é uma opção de vida e não conseqüência da culpa que sente por seus atos. “[...] e acabou alcu-

nhando-me Dom Casmurro. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou”. (ASSIS, capítulo 01, p. 19)

Logo, Paulo Honório e Bento Santiago são protagonistas de uma história de amor que teria tudo para dar certo, não fosse ‘o monstro dos olhos verdes’ que lhes devorou o juízo e os condenou a conviver com o peso da culpa e a companhia dos fantasmas do passado.

4. Considerações finais

A literatura pode (re)criar os desejos, as angústias, as frustrações, os devaneios, a raiva, a culpa e todos os sentimentos humanos que eclodem da alma de uma pessoa que sofre do ciúme patológico, proporcionando novas visões de mundo que remetem o leitor a uma reflexão da condição humana.

Relações afetivas mediadas pelo monstro dos olhos verdes são construídas no universo ficcional na constituição da psique de suas personagens. Paulo Honório e Bento Santiago apresentam atos e pensamentos transtornados pelas dores de uma alma devorada pelo ciúme.

Paulo Honório reconhece sua culpa e aceita seu sofrimento. Bentinho insiste em transferir a culpa para sua esposa, uma vez que não tem coragem de reconhecer os seus erros. Logo, *São Bernardo* é um memorial de autoacusação, *Dom Casmurro* é memorial de acusação à esposa. Ambas as obras representam com excelência a construção do ciúme literário na ficção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2007.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALCANTE, Antônio Mourão. *O ciúme patológico*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. *Freud e Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

JAGUARIBE, Beatriz. *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

POE, Edgar Allan. *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. Trad.: José Paulo Paes. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 43. ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.

ROSA, Ubiratan. *Mais amor, menos ciúme: 450 reflexões para amar mais e melhor*. São Paulo: Ideia e Ação, 2005.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. À procura de um novo realismo – teses sobre a realidade em texto e imagem hoje. In: ____; OLINTO, Heidrun Krieger (Orgs.). *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, p. 75-89.

SHAKESPEARE, William. *Otelo, o mouro de Veneza*. São Paulo: Martin Claret, 2006.